

Revista da CGU

Brasília · Volume 11 · Nº 20 · 2019



Controladoria-Geral da União

Revista da CGU

Brasília • Volume 11 • Nº 20 • 2019

Wagner de Campos Rosário
Ministro da Controladoria-Geral da União

José Marcelo Castro de Carvalho
Secretário-Executivo

Antônio Carlos Bezerra Leonel
Secretário Federal de Controle Interno

Gilberto Waller Júnior
Corregedor-Geral da União

Valmir Gomes Dias
Ouvidor-Geral da União

Cláudia Taya
Secretária de Transparência e Prevenção da Corrupção

João Carlos Figueiredo Cardoso
Secretário de Combate à Corrupção

Revista da CGU / Controladoria-Geral da União

https://ojs.cgu.gov.br/index.php/Revista_da_CGU/index

e-ISSN 2595-668X

Multidisciplinar

Controladoria-Geral da União

Setor de Autarquias Sul (SAS), Quadra 01, Bloco A, Edifício Darcy Ribeiro.

CEP: 70070-905 - Brasília/DF

Telefone: (61)2020-6826

E-mail: revista@cgu.gov.br

www.cgu.gov.br

REVISTA DA CGU

É uma publicação voltada à divulgação de artigos científicos inéditos, resultantes de pesquisas e estudos independentes sobre a atuação do Poder Público nas áreas de controle interno, correição, transparência, participação social, ouvidoria e enfrentamento à corrupção.

CONSELHEIROS DA REVISTA

Dr. Alcides Costa Vaz - UnB
Dra. Aline Gazola Hellmann - UFGRS
Dr. Andityas Soares de Moura Costa Matos - UFMG
Dr. Antônio Carlos Lessa - UnB
Dr. Bruno Amaral Machado - UniCEUB/IDP
Dra. Cecília Olivieri - USP
Dr. César Augusto Tibúrcio Silva - UnB
Dr. Dawisson Elvécio Belém Lopes - UFMG
Dr. Ivan Ricardo Gartner - UnB
Dra. Janaína Lima Penalva da Silva - UnB
Dr. Jose Célio Silveira Andrade - UFBA
Dr. José Eduardo Elias Romão - IPEA
Dr. José Matias-Pereira - UnB
Dr. Luciano Da Ros - UFRGS
Dr. Matthew M. Taylor - American University
Dr. Marcelo Stopanovski - Conjur
Dr. Marco Cepik - UFRGS
Dra. Maria Helena de Castro Santos - UnB
Dra. Marta Macedo Kerr Pinheiro - UFMG/FUMEC
Dr. Max Cirino de Mattos - UNA
Dr. Oswaldo Dehon Roque Reis - IBMEC/UNA/CEDIN
Dra. Paula Veiga - Universidade de Coimbra
Dr. Robert Gregory Michener - FGV
Dr. Rubens Pinto Lyra - UFPB
Dr. Saulo de Oliveira Pinto Coelho - UFG

CORPO EDITORIAL CIENTÍFICO

M. Sc. Vítor César Silva Xavier, Editor-chefe
M. Sc. Augusto César Feitosa Pinto Ferreira, editor
Dra. Érica Bezerra Queiroz Ribeiro, editora
Dr. Giovanni Pacelli Carvalho Lustosa da Costa, editor
Dr. Marcio Camargo Cunha Filho, editor
Dr. Temístocles Murilo de Oliveira Júnior, editor

REVISÃO GERAL

Dra. Ana Júlia Possamai
M. Sc. Cláudia Maria de Freitas Chagas
Dra. Izabela Moreira Corrêa
M. Sc. Marcus Vinicius Rossi da Rocha
M. Sc. Pedro Duarte Blanco
Dra. Raquel Lima Scalcon
Dra. Vanessa Rodrigues de Macedo

REVISÃO DUPLO CEGA

Adila Maria Taveira de Lima – Universidade Federal de Tocantins
Alzira Ester Angeli - Controladoria-Geral da União
Amauri Pezzuto Júnior – Universidade Federal do Rio de Janeiro
Anderson Roberto Pires e Silva - Universidade Federal do Pará
Antonio Duarte de Lima Júnior - Controladoria-Geral da União
Bruno Dantas Faria Affonso – Universidade Federal Fluminense
Bruno Jorge Fagali - Universidade de São Paulo
Carlos Alexandre Nascimento Wanderley - Centro de Controle Interno da Marinha
Carlos Roberto Ruchiga Corrêa Filho - Controladoria-Geral da União
Cassio Mendes David de Souza - - Controladoria-Geral da União
Christiano Braga de Castro Lopes - Escola do Governo do Estado de Alagoas
Cláudia Cappelli - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Cristiano Coimbra de Souza - Controladoria-Geral da União
Daniel Adriano Ortiz Soares - Serviço Social do Comércio
Danielle Costa de Moura - Controladoria-Geral da União
Demethrius Pereira Lucena de Oliveira – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Dyleny Teixeira Alves Silva - Ministério do Esporte
Enzo Eichhorst de Mattos - Controladoria-Geral da União
Esdras Carlos de Santana – Marinha
Fábio Lopes Soares - FGV - Fundação Getúlio Vargas
Felipe Fernandes Ribeiro Maia – Milton Campos
Flávio Sérgio Rezende Nunes de Souza – Marinha do Brasil
Frederico Pinto de Souza - Secretaria de Estado de Controle e Transparência - ES
Fúlvio Eduardo Fonseca - Controladoria-Geral da União
Gabriel Aragão Wright - Controladoria-Geral da União
Gabriela Ohana Rocha Freire - UFPA
Gills Vilar-Lopes - Universidade Federal de Rondônia
Gilmara Mendes da Costa Borges - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Gladstone Avelino Britto - Universidade Federal de Mato Grosso
Guilherme Siqueira Carvalho - Transparência Internacional
Heidi Caroline Lein - Fundação De Desenvolvimento Da Pesquisa – FUNDEP
Hugo Agra de Castro – Universidade de Brasília
Isolda Lins Ribeiro – Initia Via
Jacqueline Maria Cavalcante Silva - Controladoria Geral da União
Jane Aurelina Temóteo de Queiroz Elias - Ministério da Saúde
Joanir Fernando Rigo – Ordem dos Advogados do Brasil
João Guilherme de Souza Porto – Faculdades Arnaldo Janssen

Joeldson Ferreira Guedes - Universidade do Estado da Bahia
Jorge André Ferreira Lima - Controladoria Geral da União
José Antonio Gouvêa Galhardo - Controladoria-Geral da União
Juliana Oliveira Nascimento - Academia Brasileira de Direito Constitucional
Laura Letsch Soares - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Leonardo César Castro - Tribunal de Contas do município de São Paulo
Leonino Gomes Rocha - Controladoria-Geral da União
Li Chong Lee Bacelar de Castro - Controladoria-Geral da União
Liliane de Paiva Nascimento - Controladoria-Geral da União
Loiva Mara de Oliveira Machado - Universidade Federal do Pampa
Luciana Cristina Salles – Tribunal Regional Federal da 3a Região
Ludmila Melo Souza - Universidade de São Paulo
Luís Augusto Damasceno Melo - FURNAS S.A.
Luís Vicente Bernardi Pereira - FEAD
Luiz Medeiros de Araújo Neto - Universidade de Brasília
Luíza Galiazzi Schneider – Controladoria Geral da União
Luma Poletti Dutra - Rede Nacional de Observatórios de Imprensa
Maíra Luísa Milani de Lima - Controladoria-Geral da União
Márcia Lopes Rodrigues de Souza - Controladoria-Geral da União
Marcus Vinícius de Azevedo Braga - Controladoria-Geral da União
Maria Moro - Prefeitura Municipal de Uberlândia/MG
Mateus do Prado Utzig - Universidade de Brasília
Nilo Cruz Neto – Controladoria-Geral da União
Nyalle Barboza Matos - Prefeitura Municipal de Natal
Olavo Venturim Caldas - Controladoria-Geral da União
Orlando Vieira de Castro Júnior - Controladoria-Geral da União
Patrick Del Bosco de Sales – Marinha
Raimer Rodrigues Rezende - Controladoria-Geral da União
Renata Mendes de Araújo - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Ricardo Plácido Ribeiro - Controladoria-Geral da União
Rodrigo Piquet Saboia de Mello - Museu do Índio/Fundação Nacional do Índio
Romualdo Anselmo dos Santos - Controladoria-Geral da União
Ronaldo José Rêgo de Araújo - Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
Rossana Ingrid Jansen dos Santos - Tribunal de Contas do Maranhão
Simone Auxiliadora Borges Oliveira - Fundação Oswaldo Cruz
Simone Cristine Araújo Lopes – UFJF
Stefanie Groenwold Campos - CGU
Taiana Fortunato Araújo - Inmetro
Vladimir Pinto Coelho Feijó - IBMEC
Victor Godeiro de Medeiros Lima - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

ÍNDICE

- EDITORIAL • Por uma atitude científica nas discussões sobre estratégias anticorrupção** **1242**
Marcio Cunha Filho, Temístocles Murilo de Oliveira Júnior e Vítor César Silva Xavier
- Legislação Colaborativa: o processo em foco na produção de políticas anticorrupção** **1245**
Collaborative legislation: focusing on the making of anticorruption policy
Guilherme de Jesus France
- Accountability legal e Corrupção** **1251**
Legal Accountability and Corruption
Luciano Da Ros
- Combate à Corrupção: novos tempos** **1276**
Combatting Corruption: new agendas
Maria Tereza Aina Sadek
- Confiança Pública e Legitimidade do Poder Judiciário: a agenda de pesquisa pendente no Brasil** **1284**
Public Trust and Legitimacy of the Judiciary: The Pending Research Agenda in Brazil
Paulo Alexandre Batista de Castro
- Os Impactos da Transparência no Brasil para a Gestão Pública, a Prestação de Contas e a Participação Social** **1293**
The impacts of transparency in Brazil for public management, accountability and social participation
Vanessa Rodrigues de Macedo
- Brazil's Information Ecosystem: What is Transparency's Impact?** **1299**
O ecossistema do acesso à informação no Brasil: Qual é o Impacto da Transparência?
Gregory Michener
- Alcançando a Accountability: uma abordagem para o planejamento e implementação de estratégias anticorrupção** **1311**
Getting to Accountability: A Framework for Planning & Implementing Anticorruption Strategies
Matthew M. Taylor
Tradução: Valentina Maciel Leite / Revisão: Marcio Cunha Filho
- Controle Social: o que as evidências realmente mostram?** **1331**
Jonathan Fox, American University, Washington D.C., USA
Traduzido por Marcio Cunha Filho

Os Impactos da Transparência no Brasil para a Gestão Pública, a Prestação de Contas e a Participação Social¹

The impacts of transparency in Brazil for public management, accountability and social participation

DOI 10.36428/REVISTACGU2595-668X112006

Vanessa Rodrigues de Macedo

Resumo: A proposta deste artigo é analisar o processo e difusão da transparência, desde o momento em que o tema ganha força e entra para a agenda nacional, passando pela institucionalização com a publicação da lei de acesso à informação, até a fase final de produção de impactos no sistema político, quando efetivamente a transparência começa a viabilizar maior controle social e melhoria das políticas públicas. A intenção é identificar em que medida o maior acesso às informações públicas vem produzindo resultados significativos na democracia. Para realizar esta análise, serão utilizados como estudos de caso os processos que levaram à publicação da lei de acesso à informação e ao desenvolvimento da iniciativa internacional Open Government Partnership (OGP) no Brasil. Será ainda apresentada uma dimensão comparativa com o contexto mexicano, tendo em vista explorar de forma mais detalhada as entraves e desafios das particularidades do caso brasileiro.

Palavras-chave: Transparência; accountability; controle social; gestão pública; Brasil; México.

Abstract:

The purpose of this article is to analyze the process of transparency diffusion, from the moment the issue is introduced on the national agenda to the final phase of impact production on the political system, when transparency can results in impacts in public management, social control and accountability. The intention is to identify to what extent the greater access to public information has produced significant results in democracy. To carry out this analysis, the processes that led to the passage of the Right to Information law and the development of the international Open Government Partnership (OGP) initiative in Brazil will be used as case studies. In order to explore in a more detailed way the obstacles and challenges of the particularities of the Brazilian case, it will be developed a comparative analyses with the Mexican context.

Key Words: Transparency; accountability; social control; public management; Brazil; Mexico.

Vanessa Rodrigues de Macedo
é doutora em ciência política pelo IESP-Uerj e coordenadora de Gestão da Informação na Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP).

O conceito de transparência na política remete à ideia de abertura de informações governamentais e de prestação de contas e, no Brasil, costuma vir acompanhado da discussão sobre o combate à corrupção. É um termo cada vez mais presente nos discursos políticos, nos debates econômicos e sobre direitos humanos e ainda comumente demandado por regimes internacionais. O aumento da informação sobre a atividade governamental amplia as condições para mais fiscalização e mais sanção por parte dos órgãos de controle, o que leva à maior *accountability*, à diminuição da corrupção e, portanto, a uma melhor aplicação dos recursos públicos (FOX, 2007).

1. Artigo submetido em 07/03/2019 e aprovado em 17/06/2019.

A proposta deste artigo é analisar o processo e difusão da transparência, desde o momento em que o tema ganha força e entra para a agenda nacional, passando pela institucionalização com a publicação da lei de acesso à informação, até a fase final de produção de impactos no sistema político, quando efetivamente a transparência começa a viabilizar maior controle social e melhoria das políticas públicas. A intenção é identificar em que medida o maior acesso às informações públicas vem produzindo resultados significativos na democracia. Para realizar esta análise, serão utilizados como estudos de caso os processos que levaram à publicação da lei de acesso à informação e ao desenvolvimento da iniciativa internacional *Open Government Partnership* (OGP) no Brasil. Será ainda apresentada uma dimensão comparativa com o contexto mexicano, tendo em vista explorar de forma mais detalhada as entraves e desafios das particularidades do caso brasileiro.

Por parte da sociedade, o acesso às informações sobre as ações do governo, amplia a simetria de poder entre governo e sociedade, pois cidadãos mais bem informados têm mais condições de participar e influenciar na gestão pública, efetuar o controle social e, por conseguinte, pressionar e cobrar os órgãos de controle para fiscalizar e realizar sanções. O equilíbrio no funcionamento entre estes elementos – transparência, controle, sanção e participação social – representa um avanço democrático capaz de conduzir a mais desenvolvimento social e econômico.

Face a este entendimento, a transparência avaliada como um fim em si mesma, ou seja, com relação à quantidade maior ou menor de informações públicas abertas não demonstra o alcance de resultados democráticos. O conceito precisa ser compreendido para além da abertura de informação, na medida em que alcança impactos que potencializam a melhoria da gestão pública, da prestação de contas e a participação social. Quanto mais difundida e internalizada no plano nacional, maior a sua capacidade de gerar efeitos na democracia.

Neste sentido, a abordagem do estudo sobre a transparência a partir da compreensão da sua difusão vai ao encontro deste entendimento uma vez que entende o acesso à informação como um processo que se inicia com a introdução do tema na agenda nacional. Em uma segunda etapa começa a se disseminar

pelos órgãos governamentais a partir da implementação de um conjunto de normas, leis e políticas até alcançar o status de um sistema de transparência. Por fim, se consolida a partir da geração de impactos no sistema político, sobretudo no que se refere à melhoria da gestão pública e à ampliação da prestação de contas e da participação social. Em outras palavras, é possível sistematizar a difusão da transparência como um processo que se realiza em três etapas: 1) introdução do tema na agenda nacional; 2) institucionalização da transparência; 3) promoção de impactos da transparência no sistema político.

Um dos principais marcos da etapa de institucionalização – senão o mais importante – é a aprovação da lei de acesso à informação (LAI). A norma é conhecida globalmente como *Freedom of Information Act* (FOI laws) ou *Right to Information Act* (RIA) e já está vigorando em mais de 100 países. Esta lei procura garantir o direito à informação já previsto na Declaração Universal dos Direitos Humanos em seu artigo 19 (MENDEL, 2009: 4,5).²

Embora seja necessário para a efetivação deste direito que cada país publique a sua lei, já existe um entendimento global acordado a respeito do seu teor, portanto, como poucas leis no mundo, em qualquer país, se houver uma lei de acesso à informação, a mesma vai tratar do mesmo assunto e possuirá itens bastante semelhantes às leis publicados nos demais países. Em linhas gerais, as leis de acesso obrigam órgãos públicos (geralmente de todos os níveis de governo), bem como entidades privadas sem fins lucrativos que recebem recursos públicos, a prestarem informações sobre suas atividades a qualquer cidadão interessado (ROBERTS, 2010 e CEPIK, 2005: 5).

Além da LAI, outra tendência global em transparência que vem se destacando nos últimos anos é a *Open Government Partnership* (OGP), lançada em 2012 e que já conta atualmente com a adesão de mais de 70 países e 15 governos subnacionais. A OGP é uma iniciativa do tipo *multistakeholder*, ou seja, estabelecida com base no apoio e na colaboração voluntária e em rede de variados atores internacionais, tais como governos, organizações da sociedade civil, comunidades epistêmicas,

2. O art 19 afirma que: “Todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e ideias por qualquer meio de expressão”.

organizações transnacionais, dentre outros. Foi criada com o objetivo de contribuir com a melhoria da governança pública, bem como renovar a confiança da sociedade nas instituições a partir de um movimento de abertura das informações e da adoção de uma postura mais responsiva dos governos para os cidadãos (CAMPOS, 2015).

Conjuntamente com a LAI, a OGP promove a institucionalização da transparência a partir do estímulo ao desenvolvimento de uma série de políticas e ações de governo que, por sua vez, se desdobram em impactos na participação política. Um olhar sobre a forma como ocorreu no Brasil o processo de institucionalização da transparência, a partir dos desdobramentos da LAI e da OGP, pode contribuir não apenas para compreender como vem se dando a difusão do tema, mas também para identificar com maior clareza suas entraves e desafios.

O tema da transparência surge no país no contexto da reforma do estado, influenciado pelo neoliberalismo, como um mecanismo de suporte ao ajuste fiscal, portanto, no âmbito da administração pública, como uma agenda de governo. A sociedade civil não se apropria do tema enquanto um direito humano fundamental à informação. Em outras palavras, a transparência surge no Brasil como parte da agenda neoliberal e de controle fiscal voltada para atender aos anseios dos governos e dos mercados (FILGUEIRAS, 2011). Esta forma como o tema foi introduzido marca toda a sua trajetória a partir deste momento, como uma agenda de governo e não da sociedade. O principal exemplo desta circunstância foi o processo que levou à aprovação da LAI no país em 2012. Apesar do empenho da sociedade civil na aprovação da lei – que ocorria desde o início dos anos 2000,³ sua aprovação ocorreu sobretudo porque a mesma consistia em um requisito para a adesão do Brasil à OGP, que aconteceu em 2012. A participação do país nesta iniciativa internacional era uma agenda de governo, uma vez que este envolvimento aumentaria o prestígio internacional e promoveria a imagem do país no cenário global.

A comparação com outro país em desenvolvimento, como o México, por exemplo, contribui para melhorar este entendimento. Neste país, a transparência surge no processo

de redemocratização e se torna uma agenda da sociedade por maior abertura, ou seja, surge no bojo da sociedade civil que passa a inserir o tema no âmbito das demandas democráticas em curso na ocasião (MICHENER, 2010: 73; ISUNZA-VERA, 2008). Esta forma de inserção da transparência marca a trajetória do tema como uma agenda da sociedade. Neste sentido, de forma diferente do Brasil, o fortalecimento da sociedade civil mexicana foi o principal motivo que levou à aprovação da lei de acesso à informação no México, em 2002 e à criação de um instituto nacional independente para tratar do tema da transparência no país (IFAI/INAI). A lei e a atuação do INAI estimularam importantes reformas constitucionais gerando um sistema de transparência (ISUNZA-VERA, 2008). Em decorrência deste cenário, o país foi convidado para participar da OGP em 2012.

Em outras palavras, enquanto no México a LAI é resultado do fortalecimento da sociedade civil e responsável pela adesão deste país à OGP, no Brasil a mesma lei é publicada em decorrência das negociações para a participação do país à OGP. Assim, embora seja possível observar que México e Brasil alcançam a etapa de institucionalização da transparência em virtude da publicação da LAI, no México a institucionalização foi maior, uma vez que a lei produziu o INAI e gerou um sistema de transparência. No Brasil, a lei é o grau máximo de institucionalização da transparência e, embora tenham sido criados alguns outros decretos e legislações, não foi estruturado um sistema nacional de transparência.

Com relação à etapa relacionada aos impactos no sistema político, tanto no México quanto no Brasil, o maior impacto pode ser observado na gestão pública, uma vez que este setor é o foco da transparência. Podem ser citados como exemplo a criação e expansão do INFOMEX, no México, e do seu equivalente no Brasil: o Serviço de Informação ao Cidadão. Também podem ser ressaltados nos dois países a criação de páginas na internet obrigatórias de acesso à informação para todos os órgãos públicos e que recebem recursos públicos, bem como a necessidade de estruturação da gestão da informação nas instituições públicas, tendo em vista o estabelecimento de processos, equipamentos, sistemas e pessoal dedicado ao tema. Ainda que não se verifiquem transformações estru-

3. Com informações retiradas do site <http://informacao publica.org.br/>.

turais, estas mudanças micropolíticas repercutem e impactam em maior ou menor grau na gestão pública tanto do México quanto do Brasil (GUTIÉRREZ e OCEJO, 2013; GUTIÉRREZ e OCEJO, 2015; COELHO e WAISBICH, 2013; STEIBEL, 2016).

No que se refere aos impactos na participação social, os números disponíveis até o momento não permitem uma avaliação consistente para a compreensão da participação como um todo da sociedade na busca por informações. Por exemplo, no México o número de pedidos cresceu 200%, desde a implantação da FOI Law (ISUNZA-VERA, 2008, FOX e HAIGHT, 2010; VIVANCO e PARDINAS, 2013) e, no Brasil, sabe-se que há demandas em todo o território nacional, mas não é possível saber informações mais específicas sobre a relação das solicitações e as ações de controle social. Portanto, o que é possível avaliar são os impactos na participação social no âmbito do processo específico de institucionalização da transparência. Neste sentido, novamente o maior avanço observado é no México, onde a sociedade civil na área da transparência é mais forte e atuante. Observa-se a criação de processos participativos inovadores e de novos espaços de construção das políticas públicas, como, por exemplo, o parlamento aberto para a elaboração das reformas constitucionais e da lei da transparência (GUTIÉRREZ e OCEJO, 2013; GUTIÉRREZ e OCEJO, 2015; COELHO e WAISBICH, 2013; STEIBEL, 2016).

No Brasil não houve participação direta da sociedade civil, embora a mesma tenha influenciado de maneira significativa o processo de produção da LAI. O impedimento do Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty) de seguir com a defesa do sigilo eterno da informação e a criação de um grupo consultivo ao comitê interministerial que coordena a OGP no Brasil são exemplos nesta direção.⁴

Apesar dos resultados mencionados acima, ainda não é possível considerar que a transparência esteja promovendo impactos significativos e transformadores para a participação social tanto no México quanto no Brasil. Isto se deve a dificuldades encontradas com relação à questão da representatividade. Isto é, as organizações participantes estão localizadas

nas regiões centrais dos dois países; não há inclusão significativa de uma boa parcela da população; e a escolha dos participantes não é feita pelos cidadãos. Estas condições dificultam a ampliação da participação social nas políticas de transparência.⁵

O ponto de maior fragilidade em termos de impacto tanto no México quanto no Brasil diz respeito ao *accountability*, que é justamente quando a transparência encontra a sanção e, quando, portanto, apresenta mais condições de impactar o sistema político. No México, um sistema nacional de transparência convive com uma cultura de impunidade que impede que sejam tomadas as medidas cabíveis e que se avance em prestação de contas.⁶

No Brasil, a transparência também não vem impactando na *accountability*. Embora os escândalos de corrupção que vêm sendo divulgados nos últimos anos, como o Mensalão e a Lava Jato, possam parecer indicar que está havendo um aumento da transparência, as ações de combate à corrupção em andamento são resultado do uso pelos órgãos de controle do mecanismo da delação premiada e não representam um aumento da transparência. Esta poderia cumprir o seu papel de forma plena na medida em que ela permitisse à sociedade avaliar o trabalho dos órgãos de controle, contudo, falta clareza por parte da sociedade sobre o entendimento e a utilidade da transparência.

Portanto é possível concluir que, tanto no México quanto no Brasil a difusão da transparência já alcançou a terceira fase, ou seja, foi institucionalizada e vem gerando alguns impactos. No México os principais impactos estão relacionados com a gestão pública e a participação social, enquanto que no Brasil os principais efeitos dizem respeito à gestão pública. A principal diferença entre os dois casos está relacionada às diferentes formas de institucionalização da transparência em cada país, ou seja, enquanto no México o tema entrou para a agenda da sociedade, no Brasil, sempre esteve localizado na agenda de governo.

5. Com informações de entrevista realizada no dia 15/02/2017 com Almuena Oejo, pesquisadora do Centro de Controladoría Social y Estudios de la Construcción Democrática (CCS CIESAS) e de entrevista realizada no dia 30/01/2017 com Fabro Steibel – Pesquisador encarregado do IRM do segundo plano de ação do Brasil.

6. Com informações de entrevista realizada no dia 15/02/2017 com Almuena Oejo, pesquisadora do Centro de Controladoría Social y Estudios de la Construcción Democrática (CCS CIESAS).

4. Com informações retiradas da notícia Itamaraty quer manter sigilo eterno em documentos publicada no site da Artigo 19 no dia 18/03/2010

Além disso, conclui-se ainda que apesar destas diferenças, não se verificam impactos significativos da transparência no sistema político em ambos os países. Em outras palavras, um maior envolvimento da sociedade civil e um sistema nacional de transparência consolidado – como no caso mexicano - não garantem que a transparência promova impactos significativos no sistema político.

A promoção destes impactos necessita de outras circunstâncias capazes de promover um maior alcance das informações divulgadas a ponto de provocar mudanças. Contudo,

tais circunstâncias estão submetidas a outras dinâmicas e relações de poder. Transparência, prestação de contas e participação social são temas que ensejam um desenvolvimento conjugado e articulado com as diferentes esferas de poder do sistema político para promoverem avanços no cenário democrático. Transparência e prestação de contas dependem da participação para alcançarem impactos reais na democracia e não enveredarem por apenas figurar na lista das boas práticas que os países costumam assumir como compromissos protocolares para assegurar sua imagem internacional.

Bibliografia

- CAMPOS, L. V. B. *La Alianza para el Gobierno Abierto*, una visión desde sociedad civil. 2015
- CEPIK, Marco. Direito à Informação: Situação legal e Desafios. In: *Informática Pública*, Bel Horizonte (MG), v. 02, n 02, pp.43-56. 2000.
- COELHO, Vera Schattan P. e WAISBICH, Trajber Laura. (2013). *Mecanismo Independente de Avaliação Brasil*: Relatório de Progresso 2011-2013. Open Government Partnership.
- FILGUEIRAS, Fernando. Transparência e controle da corrupção no Brasil. Em AVRITZER, Leonardo e FILGUEIRAS, Fernando. *Corrupção e sistema político no Brasil*. Civilização Brasileira. 2011.
- FOX, Jonathan. The Uncertain Relationship between Transparency and Accountability. *Development in Practice*. Vol 17. Nº 4/5. pp 663-671, 2007.
- GUTIÉRREZ, P. e OCEJO, A. *Mecanismo de Revisión Independente*: México Informe de Avance 2011-2013. Open Government Partnership (OGP) Centro de Controladoría Social y Estudios de la Construcción Democrática CCS – Ciesas. 2013.
- _____. A. *Mecanismo de Revisión independiente*: México Informe de Avance 2013-2015. Open Government Partnership. Centro de Controladoría Social y Estudios de la Construcción Democrática CCS-CIESAS.
- ISUNZA-VERA, E. *O Sistema Mexicano de Transparência e Acesso à Informação Pública Governamental*. Texto elaborado para o Seminário regional “Sociedade civil e as novas institucionalidades democráticas na América Latina: dilemas e perspectivas”, Brasília, 9-12 de novembro de 2008.
- MENDEL, Toby. *Liberdade de Informação: um estudo de direito comparado*. 2 ed. Brasília, UNESCO. 2009.

MÉXICO, Ley Federal de Transparencia y Acceso a la Información Pública Gubernamental (LFTAIPG). 2002.

*Vanessa Rodrigues
de Macedo*

MICHENER, G. *The Surrender of Secrecy: Explaining the Emergence of Strong Access to Information Laws in Latin America*. The University of Texas at Austin. 2010.

_____. FOI Laws Around the World. *Journal of Democracy*, vol 22 n 2 abril 2011 pp. 145-159. 2011.

ROBERTS, Alasdair. A Great and Revolutionary Law? The First Four Years of India's Right to Information Act. In *Public Administration Review* n70 nov/dez, pp. 925 – 933. 2010.

STEIBEL, Fabro. *Mecanismo Independente de Avaliação Brasil: Relatório de Progresso 2013-2015*. Open Government Partnership. 2015.